

12Nov2006 [notícia]

«Peditório para resgatar militares»

Pinto de Albuquerque, ex-pára-quedista que arriscou a pele na guerra travada na Guiné Bissau, não estava a gostar do rumo da conversa, sobre a forma de reunir 25 mil euros para resgatar os restos mortais de três companheiros sepultados, em campo aberto e envoltos em lençóis, na antiga colónia. E levantou-se "O Estado português não pode, de maneira nenhuma, admitir um peditório, para que os seus filhos que tombaram em campo possam regressar a casa!", atirou, emocionado, Albuquerque.

O refeitório da Base de Tancos, onde estavam reunidos mais de cem ex-combatentes da Companhia de Caçadores

Pára-quedistas n.º 121, rebentou em palmas. Quem as bateu, porém, logo foi chamado à realidade "Passaram-se 33 anos e os nossos companheiros continuam lá. O Estado, até hoje, esteve-se marimbando!", lembrou um dos antigos militares, para quem mais vale avançar para a campanha de angariação de fundos, lançada pelo jornal de Cantanhede Aurinegra (um dos sepultados era deste concelho), do que esperar pela boa vontade do Governo.

É que o problema já foi colocado ao Ministério da Defesa, por Manuel Rebocho, sargento de outra companhia de pára-quedistas enviada para a Guiné. "Atiraram-me para a Liga dos Combatentes, que também gostava de trazer os nossos companheiros, mas diz que não tem meios", explicou Rebocho. O ex-militar que, ao fazer uma tese de doutoramento, sobre "Sociologia da Paz e dos Conflitos", descobriu que três "páras" e cinco soldados do Exército sepultados em Guidaje, perto da fronteira com o Senegal, nunca haviam sido trasladados para Portugal.

Além de criticar a ingratidão do Estado, Rebocho avisou "Os pára-quedistas têm uma máxima que diz que 'ninguém fica para trás', e, neste caso, ficaram... Ou os pára-quedistas resgatam os três homens, ou tiram a frase da sua ideologia".

O capitão que comandava a Companhia 121, Almeida Martins, não teve tempo para participar na discussão sobre a transladação dos soldados, por "razões familiares", e só assistiu à homenagem aos mortos. No final desta cerimónia, não gostou que o JN lhe perguntasse se a referida máxima fora violada. "Os pára-quedistas não deixaram um homem para trás! Aqueles três foram enterrados num cemitério improvisado, mas não ficaram no campo de batalha", sustentou Martins, hoje general.

Dois dias após a fatal emboscada da guerrilha do PAIGC, a 23 de Maio de 1973, os três cadáveres já estavam em avançado estado de decomposição, devido às altas temperaturas que se faziam sentir. Tendo sido, por isso, enterrados em terra de ninguém, Rebocho lamenta que a Força Aérea não tenha voltado a Guidaje para os recuperar.

"Os Fuzileiros e os Comandos não deixaram lá ninguém", comparou.

Ficaram lá muitos mais

A trasladação dos páraquedistas José Lourenço para Cantanhede, de António Vitoriano para Castro Verde e de Manuel Peixoto para Vila do Conde só depende dos contributos depositados numa conta da Caixa de Crédito Agrícola de Cantanhede (NIB 0045 3020 40207967255). A operação está programada, com o apoio de investigadores da Universidade de Évora, e pode realizar-se já em Fevereiro. Porém, a dimensão do problema dos combatentes da Guerra Colonial cujos corpos nunca regressaram a Portugal ultrapassa, em muito, aqueles três casos. Mesmo em

Guidaje, a localidade da Guiné onde foram sepultados os três pára-quedistas, estão "muitos mais" corpos de excombatentes, notou ontem o general Almeida Martins, referindo a existência de mais cemitérios improvisados noutros antigos quartéis guineenses. E o problema, afectando, sobretudo, militares do Exército, estende-se às outras excolónias.

O sargento Vilela Antunes, que experimentou a guerra em Angola, Guiné e Moçambique, não há muito tempo visitou, no último país, um cemitério, de Mueda, onde há perto de cem campos de soldados portugueses, cobertas de capim com mais de um metro de altura, contou.

(Nelson Morais)

http://jn.sapo.pt/paginainicial/interior.aspx?content_id=578733